



**EDUCANDO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR DE AÇÕES
EXTENSIONISTAS VOLTADAS PARA A ESTÉTICA NEGRA: DISCUTINDO A
RESSIGNIFICAÇÃO DO CABELO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

***EDUCATING FOR ETHNIC-RACIAL RELATIONSHIPS FROM EXTENSIONISTS
ACTIONS TAILORED TO BLACK AESTHETICS: DISCUSSING THE REDEFINITION
OF HAIR IN THE CONSTRUCTION OF BLACK IDENTITY***

***EDUCAR PARA LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES DESDE ACCIONES
EXTENSIONISTAS A LA MEDIDA DE LA ESTÉTICA NEGRA: DISCUSSING THE
REDEFINITION OF HAIR IN THE CONSTRUCTION OF BLACK IDENTITY***

Amanda Raquel Rodrigues Pessoa¹

Luciano das Neves Carvalho²

Jadyni Ester Matos e Silva³

Beatriz Gonçalves de Lira⁴

Resumo: Fruto das ações extensionistas desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão Identidade Negra em Ação, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- Campus Juazeiro do Norte (IFCE-JN), pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígenas (NEABI). Este trabalho apresenta o projeto de extensão “identidade negra em ação”, especificamente as ações desenvolvidas com foco temático na estética negra, com ênfase no cabelo como forte ícone identitário Gomes (2019), e as aprendizagens e sentidos gerados entre os participantes. O aporte teórico de sustentação foi pautado das discussões de autores como Gomes (2019), Queiroz (2019); Almeida (2019), Santos (2017) e Munanga (2012). Foram realizadas ações como cine-debate, ganhando a denominação de CINENEABI, rodas de conversa, oficinas, palestras e visitas técnicas. Podemos constatar as potencialidades das ações para o enfretamento e a conscientização da população sobre o racismo, estando as aprendizagens geradas ligadas à história e à cultura negra e, também, na construção de um pensamento político e ideológico em favor de uma educação antirracista, em que brancos e

¹Doutora em Educação, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Educação Física, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6625-3938> E-mail: amandaraquel@ifce.edu.br

² Mestre em Educação Agrícola, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professor de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3860-5072> E-mail: luciano@ifce.edu.br

³ Graduanda no curso de Bacharelado em Engenharia ambiental e Sanitária; Bolsista no Programa de Extensão Identidade Negra em Ação, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3917-5233> E-mail: jadynimattos@gmail.com

⁴ Mestranda em Educação, pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e colaboradora nas ações do Programa de Extensão Identidade Negra em Ação, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-62267657> E-mail: beatriz.lira@urca.br

negros, assumam a luta como estratégia para o bem comum e a igualdade social. A execução desse projeto gerou em nós a esperança que uma sociedade antirracista é possível e é o único caminho inclusivo a seguir.

Palavras-chave: Educação étnico-racial. Extensão. Estética negra.

Abstract: *Fruit of extension actions developed within the scope of the Black Identity in Action Extension Project, developed at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará - Campus Juazeiro do Norte (IFCE-JN), by the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI). This work presents the extension project “black identity in action”, specifically the actions developed with a thematic focus on black aesthetics, with an emphasis on hair as a strong identity icon Gomes (2019), and the learning and meanings generated among the participants. The theoretical support was based on discussions by authors such as Gomes (2019), Queiroz (2019); Almeida (2019), Santos (2017) and Munanga (2012). Actions such as cine-debate, gaining the name CINENEABI, conversation circles, workshops, lectures and technical visits were carried out. We can see the potential of actions to combat and raise awareness among the population about racism, with the learning generated being linked to black history and culture and the construction of political and ideological thinking in favor of anti-racist education, in which whites and blacks, they embrace the struggle as a strategy for the common good and social equality. The execution of this project gave us hope that an anti-racist society is possible and is the only inclusive path forward.*

Keywords: Ethnic-racial education. Extension. Black aesthetics.

Resumen: *Fruto de las acciones de extensión desarrolladas en el ámbito del Proyecto de Extensión Identidad Negra en Acción, desarrollado en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Ceará - Campus Juazeiro do Norte (IFCE-JN), por el Centro de Atención a Afrobrasileños e Indígenas. Estudios (NEABI). Este trabajo presenta el proyecto de extensión “identidad negra en acción”, específicamente las acciones desarrolladas con un enfoque temático en la estética negra, con énfasis en el cabello como fuerte ícono identitario Gomes (2019), y los aprendizajes y significados generados entre los participantes. El sustento teórico se basó en discusiones de autores como Gomes (2019), Queiroz (2019); Almeida (2019), Santos (2017) y Munanga (2012). Se realizaron acciones como cine-debate, ganando el nombre de CINENEABI, círculos de conversación, talleres, conferencias y visitas técnicas. Podemos ver el potencial de acciones para combatir y sensibilizar a la población sobre el racismo, vinculando los aprendizajes generados con la historia y la cultura negra y la construcción de un pensamiento político e ideológico a favor de una educación antirracista, en la que blancos y negros, abrazan la lucha como una estrategia por el bien común y la igualdad social. La ejecución de este proyecto nos dio la esperanza de que una sociedad antirracista es posible y es el único camino inclusivo a seguir.*

Palabras clave: Educación étnico-racial. Extensión. Estética negra.



Introdução

O presente texto é fruto das ações extensionista desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão Identidade negra em ação, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- Campus Juazeiro do Norte (IFCE-JN), pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). Nos propomos fomentar por meio de ações extensionista uma aproximação com a identidade negra e a conscientização, autorreflexão, e autoestima em favor daqueles que possuem traços fenóticos que se ligam ao negro.

Na história do Brasil, a cultura negra sempre esteve em contraste com a cultura branca, sendo inclusive um elemento constituidor de práticas racistas e isto foi estabelecendo privações de ordem social, política e econômica. Esse contexto foi determinante para a definição dos grupos que teriam ou não acesso a recursos materiais e simbólicos, se configurando historicamente em um processo de exclusão social do negro no Brasil.

Em particular, o projeto de extensão “identidade negra em ação” se debruça sobre a valorização de aspectos culturais que se aproximam da identidade negra. Já que há uma acentuada cobrança de alinhamento com padrões de branquitude e isto tende a seguir modelos que negam a cultura negra.

Instituições sociais como a mídia a todo instante reforçam narrativas de dominação no cenário o padrão branco, de forma sutil avigora preconceitos e preceitos racistas que oprimem os sujeitos, em especial os que advém de origem africana.

Por acreditarmos na necessidade de valorização do negro, seus padrões e cultura nos propomos a realizar ações que visem a conscientização, o autocuidado e autoestima. Nos propusemos a desenvolver atividades extensionista que favorecessem a percepção de si e a construção de uma identidade negra positiva, com o reconhecimento da sua cultura e beleza.

Atribuir visibilidade a identidade negra é parte de um processo de luta e resistência, diante da dívida social que o Brasil tem com os povos negros. A negação histórica da sua cultura, reforçou padrões e comportamentos eurocêntricos e que provocam a não aceitação do negro no Brasil.

É necessário destacar que as ações extensionistas realizadas colaboram para o debate sobre a educação para as relações étnico-raciais e contribui para a implantação da Lei 10.639/2003, a qual estabelece a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-



Brasileira", essa lei visa valorizar a contribuição dos africanos e seus descendentes na formação da sociedade brasileira, bem como combate ao racismo.

Apesar dos avanços advindos com a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), a efetivação dos seus preceitos, perpassa por contradições, embates e conflitos (SILVA, 2007; SILVA, 2020). O que exige uma dinâmica sociopolítica e a adequação do ambiente educacional para as ações que contribuam para a produção de significados e valores em torno desse conhecimento. Não há uma relação direta e imediata para uma mudança das relações sociais desiguais, mas acreditamos que a extensão pode ser um instrumento de tensionamento das desigualdades raciais e um caminho para novas maneiras de agir, tendo o diálogo e as práticas sociais humanas como o cerne das ações.

O projeto de extensão

O projeto de extensão “identidade negra em ação” busca promover o debate sobre a identidade negra e as condições de vida do negro no Brasil, favorecendo a construção de uma percepção positiva do ser negro, valorizando a sua cultura, seus artefatos, sua história e a sua estética corporal.

As ações foram desenvolvidas entre os meses de agosto e novembro de 2023. O público participante foi aberto a toda comunidade, e foi composta por homens e mulheres de diferentes faixa etária e perfil racial. Foi estabelecido quatro temáticas para desencadear as discussões, uma para cada mês de execução, vejamos as temáticas e sua organização conforme Quadro 1 a seguir:

Quadro 1- Organização das ações do projeto de Extensão Identidade Negra em Ação

Temas	Objetivos	Mês e ano de realização
Estética Negra	Valorizar a estética negra e melhorar a autoestima de homens e mulheres negras, favorecendo uma visão positiva da sua corporeidade.	Agosto de 2023
Kizomba	Conhecer e valorizar os artefatos da cultura negra que enaltece a corporeidade e a festividade do negro.	Setembro de 2023



Negro e Literatura	Apreciar e valorizar a literatura que aborde o negro e/ou tenha sido criada por autores negros.	Outubro de 2023
Religiosidade e Cultura africana	Propor o conhecimento e a valorização das religiões de matrizes africanas.	Novembro de 2023

Fonte: NEABI IFCE-Juazeiro do Norte.

As ações seguem sendo organizadas por meio de atividades como cine-debate, ganhando a denominação de CINENEABI, rodas de conversa, oficinas, palestras e visitas técnicas.

Como dito, anteriormente, o projeto de extensão em cada mês desenvolveu ações a partir de uma temática, sendo o objetivo deste trabalho apresentar o detalhamento das ações do mês de agosto e a visão dos participantes sobre as atividades realizadas e as aprendizagens por elas geradas.

No mês de agosto a temática norteadora das ações conforme apresentamos no quadro 1, estavam relacionadas a estética negra. A cada semana uma ação era planejada e na semana seguinte, após ampla divulgação nas redes sociais, como *Instagram* e *WhatsApp*, executávamos. As ações realizadas no mês de agosto iniciaram em 15 de agosto e foram até o final do mês com as seguintes atividades, conforme apresenta o Quadro 2:

Quadro 2 – atividades realizadas no mês de agosto de 2023

Atividades	Data de realização
CINEABI – Kabela	15 de agosto de 2023
Roda de Conversa: Da transição à transformação, o que muda é só cabelo?	22 de agosto de 2023
Oficina de Turbantes com visita ao Terreiro das pretas.	30 de agosto de 2023

Fonte: NEABI IFCE-Juazeiro do Norte.

Para cada semana realizamos o planejamento, divulgação e execução. Foram confeccionados cartazes de divulgação para as redes sociais ampliando assim a rede de pessoas interessadas pelas temáticas.

O CINEABI, abre as ações do mês de agosto, sendo aberto ao público interessado, com sessão realizada nos intervalos entre os turnos manhã e tarde, iniciadas às 12:30. Optamos pelo



curta-metragem, possibilitando o debate após a sua visualização. O debate sobre o curta foi mediado pelos coordenadores, facilitando assim a reflexão. Realizamos ampla divulgação e para isso nos utilizamos do cartaz de divulgação apresentado na Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Cartaz de divulgação do CINEABI



Fonte: NEABI IFCE-Juazeiro do Norte.

O filme possibilitou uma discussão ampla sobre as tentativas sociais de moldar a corporeidade ao padrão de branquitude. Em particular fez surgir discussões sobre as mulheres negras e as pressões sociais por elas sofridas para se enquadrarem a uma estética eurocêntrica, procurando realizar o apagamento das suas características raciais por meio do controle corpóreo em que a estética branca era “entendida como algo melhor, bom que clareia a raça, alisa ou anela os cabelos” (Gomes, 2019, p. 132).

A Roda de conversa foi intitulada de “Da transição à transformação, o que muda é só cabelo?”. Para esse momento convidamos mulheres negras e não negras que realizaram o processo de transição capilar para contarem suas histórias sobre o processo de aceitação de sua corporeidade e as relações estabelecidas no convívio social. Utilizamos o cartaz de divulgação apresentado a seguir, na Figura 2, e fizemos um formulário no *Google forms* para realizar as inscrições dos participantes.

Figura 2 – Cartaz da roda de conversa - Da transição à transformação, o que muda é só cabelo?



Fonte: NEABI IFCE-Juazeiro do Norte.

Partimos da compreensão que o “cabelo” se configura em um elemento que marca o corpo e adquire uma importância simbólica para a constituição da identidade negra, principalmente no corpo feminino. O padrão de cabelo valorizado – o liso – assume uma narrativa de dominação no cenário estético feminino. Expressões como “ruim” e “bom” passam a compor o cenário social sendo o cabelo crespo e cacheado representados por uma condição inferior. Gomes analisa que:

No Brasil, esse padrão ideal **de cabelo (grifo nosso)** é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária. (Gomes, 2003, p. 3)

Por isso, entendemos que o cabelo é um dispositivo que de forma sutil reforça preconceitos e preceitos racistas que oprimem os sujeitos, em especial os que advêm da estética negra. Apesar disso, é crescente o movimento de mulheres negras que estão vivendo o processo de transição capilar para a forma natural de seus cabelos.

Acreditamos que o processo de transição capilar é afetado pelo discurso da estética branca que tende a querer reforçar nas narrativas sociais de manutenção do liso e das determinações socialmente impostas. Ao mesmo tempo, acreditamos que mulheres que vivem a transição capilar estabelecem uma relação positiva com os processos de identificação com a estética negra.

Face o exposto, o processo de identificação com a estética negra como o movimento transição capilar representa um fenômeno importante para a afirmação do negro e de sua corporeidade que foi historicamente negada. Nos apoiamos no termo estética por ser um ramo da filosofia que estuda o belo, o seu inverso e a relatividade do termo. E com ele queremos justamente apontar a diversidade que há na percepção da beleza e o poder que estes simbolismos possuem para a criação de padrões, sendo algo de grande repercussão na constituição de si e da autoestima. Queiroz (2019) em sua pesquisa sobre o impacto do racismo na autoestima de mulheres negras identificou como o olhar do outro pode ser uma ação opressora sobre o corpo da mulher, sendo o cabelo um dos marcadores de maior destaque, por gerar comentários pejorativos sobre a sua estética. Gomes destaca que

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2008, p. 9)

Há na decisão de realizar uma transição capilar um processo de resistência a formas opressoras de racismo. Nesse processo, ocorre a valorização da beleza do negro e se constrói gradativamente visões de mundo positivas sobre a estética negra gerando ramificações e desdobramentos a partir das relações que o sujeito estabelece com o mundo.

A última ação realizada no mês de agosto de 2023 foi a oficina de turbante, a atividade incluiu uma visita ao terreiro das pretas, espaço de preservação e debate da cultura negra, escolhido pela sua vasta contribuição para as discussões étnico-raciais. A divulgação foi realizada por meio do cartaz apresentado na Figura 3 e foram realizadas inscrições por meio do formulário no *Google forms*:



Figura 3 – Cartaz de divulgação da oficina de turbante e visita ao terreiro das pretas



Fonte: NEABI IFCE-Juazeiro do Norte.

No terreiro das pretas, iniciamos com um café da manhã coletivo, logo após realizamos reflexões sobre o significado dos turbantes para os povos africanos e a representatividade destes artefatos para a constituição da identidade negra. Em seguida iniciamos a oficina em que os participantes faziam uso dos turbantes após a sua confecção e finalizamos com as fundadoras do espaço falando sobre o processo de consolidação do terreiro das pretas e a intencionalidade do projeto, com visita aos demais espaços do local.

O simbolismo presente no uso do turbante consegue enaltecer a identidade negra, possui valor e representatividade da cultura afrobrasileira. Ele é um artefato que fortalece a confiança dos corpos negros e sua beleza.

A oficina de turbante consegue aliar a técnica ao seu aspecto cultural afro-brasileiro, incentivando o olhar para a diversidade e para o corpo negro, de uma forma positiva. Como analisa Santos (2017) o uso de técnicas de matrizes africanas, para cuidado e adorno dos cabelos, foi por longos períodos no Brasil ligados a uma série de estereótipos que negativavam a sua realização, sendo o uso associado a doenças e serviços domésticos.

Na busca de combater esse racismo estrutural (Almeida, 2019) é preciso enaltecer os significados desses artefatos, advindos dos povos originários, da cultura africana, pois como

pontua Santos (2017, p. 22) “[...] cada tipo de amarração tem seu significado social, político e/ou espiritual”, sendo fundamental enaltecer a sua ancestralidade, a visão sagrada que carrega e de proteção, contribuindo assim para o empoderamento do negro.

Após esse conjunto de ações, realizadas no mês de agosto, solicitamos do público participante uma avaliação por meio do formulário *Google forms*. Tivemos uma média de 25 participantes nas ações, e o retorno de 14 formulários, sendo as discussões realizadas resultantes das respostas recebidas. Estas nos proporcionaram refletir sobre a educação antirracista e as aprendizagens que as ações extensionistas podem proporcionar ao grupo, sendo este aspecto central na discussão da próxima seção.

Educando para as relações étnico-raciais – aprendizagens e sentidos compartilhados

Dentre os aspectos avaliativos procuramos entender sobre as aprendizagens e sentidos atribuídos pelos participantes as reflexões realizadas sobre o tema estética negra. Os participantes destacaram a contribuição das ações para a ampliação sobre os conhecimentos históricos e culturais dos povos africanos e da cultura negra, conforme alguns trechos destacados que nos levaram a esse entendimento:

P1: Sim, entendo que por exemplo o turbante não é só para uso de estética, representa o que os povos de matrizes africanas são e no que eles acreditam.

P2: Sim, as pessoas tendo consciência sobre a estética negra, sobre a história que tem por trás dos turbantes, da trança e de outras coisas. Você sabe a importância que isso tem na matriz africana, não só por beleza, mas tem história e poder.

P14: [...] a cultura negra está enraizada na nossa sociedade e muitos tentam ocultar isso.

Um dos aspectos fundamentais para a Educação para as relações étnico-raciais é a compreensão da cultura africana, dos seus simbolismo e representatividade. As respostas demonstram que as ações geraram reflexões desta natureza, gerando conscientização sobre as raízes africanas e sua contribuição para a cultura afro-brasileira.

Os participantes, enfatizaram as contribuições das ações para o processo de desnaturalização de práticas racistas. Enfatizaram que as atividades possibilitaram reflexões



sobre as formas de silenciamentos e naturalização do racismo na sociedade brasileira, podemos analisar esse aspecto a partir de trechos como os apresentados a seguir:

P6: Promoveram sim aprendizados e reflexões, principalmente no ponto crucial de quanto o racismo e preconceitos estão perto de nós e muitas vezes nem percebemos, e o quanto somos preconceituosos até mesmo "sem querer" como brincadeiras que as vezes tiramos com próprios amigos. É muito incrível poder conhecer mais a fundo toda a cultura e entender cada passo das pessoas que sofreram o mesmo.

P10: Sim, leva a reflexão sobre comportamentos até então considerados "normais".

Conforme aponta Almeida (2019), o racismo foi estruturado em nossa sociedade de uma maneira sutil, em que a discriminação acontece contra a raça de forma consciente ou inconsciente, culminando em desvantagens ou privilégios. Quando P6 aponta que muitas vezes não percebem ou que as brincadeiras foram “sem querer” ele ressalta justamente o formato naturalizado destas práticas, são nessas ocasiões que o racismo recreativo acontece, conforme Moreira (2019) define racismo recreativo como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial. O humor racista satisfaz a necessidade de diferenciação que pessoas brancas sentem em relação a indivíduos considerados inferiores e também cria um sentimento de solidariedade entre os membros desse grupo.

Almeida (2019) adverte que o fato de parte expressiva da sociedade brasileira, considerar ofensas raciais como ‘piadas’, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular é resultante da democracia racial. O que exige ações de enfrentamento e a formulação de políticas públicas para tratar essas questões que foram consolidadas na estrutura social do povo brasileiro. Gomes (2007, p. 37-39) esclarece que a democracia racial foi uma estratégia das elites brasileiras, desejosas de mascarar o intenso racismo sofrido pelos negros no Brasil, este ganhou um formato subliminar, silencioso, impossibilitando a denúncia e seu combate, mas que como em outras sociedades, como a norte-americana e sul-africana, são particularmente pautadas no ódio.



Diante das respostas dos participantes, consideramos que o tratamento realizado nas ações fomentou o debate e possibilitaram reflexões para novas práticas sociais para uma educação antirracista.

Nos chamou atenção, também, a contribuição das ações para a construção positiva do ser negro, as respostas dos participantes, apontam para a afirmação de suas identidades e aceitação de suas características. Vejamos a seguir aspectos que nos auxiliaram a identificar esses elementos:

P4: [...] perceber como essa perspectiva de padrão de beleza está impregnada nos pressupostos de todos os indivíduos da sociedade, nos faz perceber a real problemática em relação à autoestima e aceitação. O NEABI promoveu uma reflexão sobre como essa pressão social é mais rígida quando se trata de mulheres negras.

P7: Sem dúvidas. A questão da estética negra ainda é um assunto tabu para algumas pessoas, inclusive para nós pessoas negras. Não nos reconhecer como bonitos, belos ou tendo características aceitáveis aos olhos do outro é um ponto sensível que dá indícios de que ainda há um caminho muito longo a ser trilhado visando a autoaceitação e uma autoestima positiva entre nós.

P8: Sim. De entender nosso lugar na esfera social, de como nosso cabelo está ligada à nossa identidade e posteriormente de como sofremos ao tê-los julgados.

P9: Que devemos nos aceitar do jeito que somos. No passado tinha uma cobrança para que tivéssemos o cabelo sempre arrumado e hoje consigo entender minha identidade e andar com meus cabelos afro na rua sem receio.

No âmbito de identidades étnico-raciais o racismo representa o adoecimento da relação entre a identidade com a diferença, fez surgir movimentos binários que rejeitam a diferença e tem uma obsessão simbólica pela padronização que descaracteriza e recusa a diversidade. Mediante uma série de procedimentos discursivos aumenta-se as distâncias e radicaliza-se atitudes que desrespeitam o outro por características distintas de cunho biológico, fenótipos e cultural.

Essa negação radical do negro que o inferioriza e cria estereótipos a partir da sua composição corpórea, foi abordado no mês da temática sobre a “estética negra”, procurando conscientizar sobre os efeitos nocivos dessa padronização e fez surgir uma rede de cooperação, uma coletividade entre aqueles que vivem ou presenciam atitudes de negação da estética negra. Nas respostas de P4, P7, P8 e P9 transparece o quão o padrão eurocêntrico acarretou efeitos na



autoestima, aceitação e empoderamento social. Estando a luta por reconhecimento transitando por aquilo que estar na nossa subjetividade, mas também a aceitação na esfera pública daquilo que nos caracteriza. Isso ocorre porque as identidades

[...] são construídas no interior das relações de poder. Toda identidade é fundada sobre uma exclusão e, nesse sentido, é um ‘efeito de poder’. Deve haver algo ‘exterior’ a uma identidade. Esse ‘exterior’ é constituído por todos os outros termos do sistema cuja ‘ausência’ ou falta é constitutiva de sua presença. (Hall, 2006, p. 80)

Por conseguinte, a escolha por tratar sobre esse movimento denominado de “transição capilar”, acreditamos ter sido assertivo para refletir sobre a identidade negra, por configurar-se como uma resposta a tentativa histórica de negar a corporeidade negra. É uma ação que afirma, valorizando a constituição dos seus corpos e que favorece a reconstrução de uma representação positiva da pessoa, de seu próprio corpo e de suas raízes étnico-raciais. O que pode ser percebido nos comentários dos participantes:

P7: [...] aos poucos percebemos que estamos rompendo com esse padrão e se colocando no centro. Acredito que o NEABI tem forte influência nesse sentido, assume o papel de acolhimento, de escuta, de reconhecimento e um papel impulsionador na percepção das nossas potencialidades.

P9: [...] devemos nos aceitar do jeito que somos. No passado tinha uma cobrança para que tivéssemos o cabelo sempre arrumado e hoje consigo entender minha identidade e andar com meus cabelo afro na rua sem receio.

P13: Existe um padrão de pessoas brancas, loiras, olhos claros entre outras características. Mas sim as ações me fizeram entender a diversidade de pessoas que existe!

Nos aproximamos assim do conceito discutido por Munanga (2012) em que a identidade negra está relacionada ao ato do negro assumir e se orgulhar da sua condição racial e busca estabelecer com isso ligações com suas origens dentro de um sentimento de irmandade e de resistência a formas de opressão e sofrimento. Como aponta Munanga:

A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas



de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. (Munanga, 2012, p. 12)

Mas do que uma questão pessoal, a identidade perfaz a esfera política-ideológica em uma sociedade eminentemente racista. Isso fica explícito em comentários de P9 e P12 quando analisam a necessidade de combater o padrão estético da sociedade brasileira:

P6: [...] tocaram na ferida para que a gente se aceite como somos, sem esse padrão e muito menos nos julgarmos por pensamentos de outros.

P9: [...] ele, **o padrão estético [grifo nosso]**, nos coloca num lugar de inferioridade padronizando uma beleza da qual não nos cabe. E hoje compreendo que cada pessoa tem sua beleza e não deve se importar com opiniões contrárias.

P12: Acredito que por mais demorado que esteja [...] a sociedade vem se desvinculando de um padrão [...] muitas mulheres e homens tem se desprendido dos produtos de alisamento e aceitando seus verdadeiros 'eus'. [...] em uma ação do Neabi foi esclarecido muitas dúvidas em relação ao cabelo e estética, nos ensinando a como agir para ajudar e encorajar pessoas, [...] e se aceitaram como realmente são.

Perguntamos aos participantes que ação exerceu maior identificação e percebemos que o processo de identificação se liga a experiência de vida, a memórias e afetamentos do silenciamento da estética negra. Os fazendo por vezes enxergar em si ou no outro as marcas do racismo:

P2: Eu tive na roda de conversar, onde falamos sobre a transição do cabelo e isso esteve bastante presente na minha vida, pois minha irmã passava por isso e obviamente teve uma influência em casa.

P3: O Terreiro das Pretas. Foi uma experiência muito marcante que gostaria de vivenciar novamente, me marcou muito estar lá vendo e vivenciando as propostas que fizeram para nós. Amei conhecer a casa e as moradoras de lá, super acolhedoras e atenciosas.

P6: Transição capilar, não por mim, mas por uma pessoa muito próxima que teve essa dificuldade e com as palestras e momentos de conversa pude entender mais e ajudar ela a passar por esse momento que não é nada fácil.

P7: O cinema do filme Kibela e a roda de conversa sobre cabelo e transição capilar. Foi um processo que vivenciei e ver ouvir outras mulheres que



também passaram por esse processo me faz perceber que não estive sozinha nos pensamentos, nas dores e angústias sentidas.

P8: O encontro no Terreiro das Pretas trouxe uma reconexão com a vida pelo lugar, pelas histórias, o acolhimento e mais ainda a certeza de que aquilombar fortalece uns aos outros.

P9: O Terreiro das Pretas, pois trouxe uma conexão com natureza trazendo bem-estar. E as irmãs são pessoas que dá vontade de encontrar todo os dias pelas histórias, o acolhimento, fazendo a gente se sentir na nossa própria casa.

O lugar das ações realizadas, conforme podemos notar na visão exposta pelos participantes, é de quem conseguiu encontrar em sua trajetória marcas do racismo, como também, do fortalecimento do negro, pelo acolhimento, respeito e trocas de experiências.

Percebemos, o quanto os padrões da branquitude da sociedade brasileira causa adoecimento e afeta a autoestima, em particular, as marcas nas mulheres negras foram evidentes, gerando sofrimento e inferiorização. O corpo e o cabelo são fortemente atacados pelos padrões eurocêntricos. Gomes (2003), analisando a simbologia do corpo e cabelo para a construção da identidade negra, esclarece serem estes, pensados pela cultura, são expressões e construtos da sociedade que carregam uma representação política e ideológica de grande relevância para a afirmação do negro no Brasil. Assim, foi importante perceber que as ações desenvolvidas acarretaram reflexões para o combate ao racismo e o empoderamento de mulheres que possuem traços fenótipos que se ligam a estética negra.

Considerações finais

É preciso aproveitar esse momento para enaltecer o quão formativo as ações extensionista podem ser, com o andamento do projeto identidade negra em ação podemos constatar as potencialidades das ações para o enfretamento e a conscientização da população sobre os simbolismos presentes em atitudes e comportamentos racistas.

Notamos, também, que a pesar dos avanços, a Educação para as relações étnico-raciais é bastante desafiadora e que são recorrentes situações que geram a segregação, o silenciamento e a negação do negro no Brasil. A discussão precisa ganhar contornos expressivos no debate educacional brasileiro. Todos os dias ocorre preconceito e



discriminação em diferentes lugares do Brasil. Alguns explícitos e outras vezes sutis. Então todos os dias precisamos encontrar maneiras de tratar sobre esse conteúdo na Educação.

O movimento extensionista realizado, possibilitou a valorização e aprendizagens sobre a história e cultura negra, favoreceu a construção de um pensamento político e ideológico em favor de uma educação antirracista, em que brancos e negros, assumem a luta como estratégia para o bem comum e a igualdade social.

Mas é necessário, dizer, o quão é desafiador as ações extensionista que procuram apontar para as relações étnico-raciais. Persiste, o equívoco de que no Brasil somos um país sem preconceito, bem como relativização de praticas pejorativas e discriminatórias, o que tende a fortalecer o racismo. A luta pelo reconhecimento da cultura e identidade negra exige lidar cotidianamente com tensões e conflitos, os quais somente serão possíveis de serem superados pela via educativa.

A execução desse projeto gerou em nós a esperança, de que uma sociedade antirracista é possível e é o único caminho inclusivo a ser seguido. Temos consciência do árduo caminho, das suas dificuldades e conflitos. Mas um educador deve acreditar em uma sociedade mais humana. E é por isso que estamos aqui!

Agradecimentos

Agradecemos ao IFCE-Campus Juazeiro do Norte pelo apoio financeiro para a realização das ações.

Referências

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 20 jun. 2023.



GOMES, Nilma Lino. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Perseu: História, Memória e Política**, São Paulo, v. 1, p. 123-142, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL; GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2., 2003, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolo de identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

GOMES, Tiago de Melo. Afro-brasileiros e a construção da ideia de democracia racial nos anos 1920. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 8, n.1, p. 36-53, 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, p. 6-14, jul./out. 2012.

QUEIROZ, Rafaela Cristina de Souza. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 213-229, jul./dez. 2019.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos. **Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic (Curitiba-PR)**. 146 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. 2017.

SILVA, Clesivaldo da. A Educação Étnico-Racial na Base Nacional Comum Curricular: Invisibilidade ou promoção de uma Educação Antirracista? Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação – EPEN, 15., 2020, Salvador. **Anais [...]** Salvador: Faculdade de Educação da UFBA, 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, n. 3, v. 63, p. 489-506, set./dez. 2007.

Recebido: 12.10.2023

Aceito: 02.12.2023

Publicado: 09.12.2023





This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

